

## A Ermida do Paiva

*Abílio Pereira de Carvalho*<sup>1</sup>

### 1. O Templo

No concelho de Castro Daire, a cerca de 6 quilómetros da sede do concelho e a 1 quilómetro da povoação de Pinheiro, ali, na margem direita do rio Paiva, levanta-se o vetusto templo medieval que pertenceu ao *hermitagio* de D. Roberto. Templo que é hoje a Igreja Matriz da freguesia da Ermida.

Fixemos os olhos no templo. Deambulemos em seu redor. Acompanhados pelo saber erudito de Aarão de Lacerda, de Alexandre Alves, de Gonçalves da Costa e alguns outros que, sem igual relevância e rigor científico, deixaram a sua marca escrita de passagem por aqui, a visita é nossa.

Observemos que a fachada está voltada para Poente, segundo a orientação litúrgica clássica, mas não com o alinhamento exacto Este/Oeste, como era de esperar. Porquê? Pelas razões que diremos brevemente. A porta é em arco quebrado encimado por arquivoltas que assentam em três delicadas colunas e não menos esmerados capitéis a servir-lhes de topo. Logo por cima das pedras que constituem o arco sobressai uma faixa axadrezada, qual fimbria de renda a rematar um trabalho em cujo acabamento o artista pôs todo o seu empenho e zelo. No tímpano, qual brasão de casa fidalga a identificar a linhagem



---

<sup>1</sup> Historiador.

do proprietário, uma **cruz**.<sup>2</sup> No topo da empena outra **cruz** diferente da anterior. Esta é uma cruz florenciada, uma cruz de forma igual àquela que Mário Nunes atribui ao século XIII e diz existir no Museu Grão Vasco de Viseu, proveniente da Ermida, descrevendo-a: “uma cruz de cobre dourado com os extremos em forma de flor-de-liz”. (Nunes, 1991:13) A elas voltaremos mais adiante.

Contornemos o templo pelo lado sul. Ali temos a porta lateral, também de arco quebrado. No tímpano, os restos de uma legenda. Não sendo gravada, mas pintada a vermelho, ainda conseguimos decifrar, mais que ler, “E.MCC211”, isto é, 1252, caso o 2, como tudo indica, tenha tomado o lugar de um L<sup>3</sup>. A que acontecimento se reportará esta data? Que dirá o texto que não conseguimos ler e que a esse acontecimento estará, seguramente, ligado? Provavelmente à ampliação do templo primitivo, à *ermida* propriamente dita como veremos a seu tempo.

Depois é a capela-mor na qual sobressai aquela pedra, mesmo por cima de uma campa funerária, já sem tampa, lavrada no granito. É ali que está, a bem dizer, a lápide que nos dá conta da morte do padre Roberto.

Estamos, pois, na presença de um daqueles monumentos pesados que nos anais da arte arquitectónica está classificado como pertencendo ao estilo românico, ainda que na massa do edifício figurem elementos caracterizadamente góticos. Paredes grossas acompanhadas até à cornija de contrafortes prismáticos, escoras seguras a garantir o êxito do responsável pelo risco e pela execução, cachorros lavrados, onde, grosseiramente e numa autêntica anarquia, estão esculpidas, figuras humanas, carrancas, cordas, frutos, argolas, flores e elementos geométricos de vária ordem.



<sup>2</sup> Uma cruz com o desenho desta, mas completamente recortada em granito, encontra-se a rematar o pórtico da Quinta da Comenda, em Poiães da Régua. (ver Anexos-foto 8). Ali existiu um Mosteiro acerca do qual se regista o seguinte: “Em 28 de Junho de 1206 celebrou-se em Lamego uma composição entre o arcebispo de Braga e a Ordem do Hospital sobre os direitos eclesíasticos de Poiães da Régua” (Costa, 1979, II:580) Desaparecido o Mosteiro ficou o pórtico e a cruz que, neste ano da Graça de 2001, têm sido pomo de discórdia entre o proprietário da Quinta e a população de Poiães. O primeiro derrubou o pórtico para alargar a entrada e a população apressou-se a pôr tudo na mesma, alegando que “a cruz estava ali havia mais de 800 anos, que fazia parte da história da povoação, que pertencia ao Mosteiro que serviu de apoio aos peregrinos que iam para Santiago de Compostela e ali devia permanecer”. (SIC-Praça Pública, de 26-06-2001, 21.30 horas). O caso foi remetido para o tribunal e José Manuel Cardoso no “Jornal de Notícias” de 04-07-2001, referindo-se ao litígio judicial, diz que tal se deveu ao facto de “o empresário José Santos ter retirado o pórtico em granito e uma cruz dos Templários localizado à entrada da quinta” (pp. 39) Não cometemos erro na transcrição. O jornalista escreveu mesmo “cruz dos Templários”. O JN de 15 de Julho de 2001, diz que o Tribunal da Régua condenou “as doze pessoas acusadas no processo a pagar uma indemnização de 100 mil escudos a José Santos, proprietário da quinta da Comenda, além de várias multas judiciais” (pp 33) visto eles terem interrompido os trabalhos de alargamento que o proprietário pretendia fazer no portão. Mas o mesmo jornal do dia 26 de Julho de 2001 dizia na p. 30: “No início da tarde de ontem, uma máquina de terraplanagem derrubou o pórtico em granito da propriedade, construído no século XII pela Ordem dos Templários”. O jornalista, José Manuel Cardoso, insiste que pertencia aos Templários o mosteiro sobre cujos bens se celebrou em Lamego, a 28 de Junho de 1206, uma composição entre o arcebispo de Braga e a Ordem do Hospital, como já dissemos.

<sup>3</sup> Como já explicámos na nota de rodapé, pp. 10, Capítulo II.

Aarão de Lacerda, optando por classificar este templo de estilo românico, não deixa de dizer o que sentiu logo que lhe pôs os olhos em cima: “no primeiro dia da minha peregrinação à beleza antiga plasticizada na simplicidade de um monumento românico em transição para o estilo mais alado e nervoso das catedrais, eu senti a suavíssima letargia monástica na escuridão da noite bonançosa ...” (Lacerda,1919:21)

Recordemos o conceito de *ermida*: «*pequena igreja em sítio ermo*», explicação que assenta bem nesses muitos pequenos templos que pintalgam o topo dos cerros, montes, serras e outeiros, mas não no templo com o tamanho, o volume e o peso deste, do que estamos a ver.

Nenhum dos historiadores que nos precedeu se dispôs a reflectir sobre a designação e o objecto designado, entre o nome e o referente. Nós, olhando para este pesado e volumoso edifício, perguntamo-nos se ele, antes de ser o que é, não fora a tal «*pequena igreja em sítio ermo*», a *ermida*, aquela que antes de ceder o nome a outra entidade, estaria muito mais de acordo com os dicionários e com o tipo de construção que apresentam os anexos, o cenóbio, ali ao lado, os aposentos dos frades eremitas, o *hermitagio*, cujas ruínas aqui estão mesmo ao lado.

Por agora, reparemos que a abside é poligonal. De entre as colunas que estão a rematar os vértices dos ângulos, aquela que corresponde ao centro da cabeceira, exhibe um notável capitel onde figuram, ainda que danificados pelas intempéries, dois menestréis a tocar cada um a sua viola de arco, quase irreconhecíveis, um duo animado, esculpido no granito, a documentar que o homem do povo, para se divertir simplesmente, ou para amenizar ou imprimir ritmo às pesadas tarefas do quotidiano, teve sensibilidade bastante para desenvolver a arte do som que tanto animava e deleitava as damas e cavaleiros nos saraus da corte e de castelos ociosos. E também para amenizar a fadiga dos romeiros que, fosse qual fosse o santuário do seu destino, fosse longa ou curta a caminhada, não dispensavam (nem dispensam) a música e a dança.

Nas peregrinações, a música tinha campo aberto. As preocupações dos rigoristas sobre os efeitos da música nos crentes ficavam-se pelos espaços fechados e perfumados com incenso. As palavras de S. Tomás, desaconselhando os instrumentos musicais, na medida em que “provocam um tão intenso deleite no espírito do fiel que o desviam da intenção primitiva da música sacra” (Eco, 2000, 2ª ed.:21), não eram ouvidas em céu aberto pelos romeiros e peregrinos.

Naquele outro capitel, ornamentado, ali, com aquela fera a engolir um homem pelas pernas, quis o canteiro simbolizar, certamente, o castigo de todos aqueles que são condenados e “*atirado às feras*”. Sabe-se lá, um ladrão, um herege, um excomungado. No capitel que ladeia aquela friesta da capela-mor, observemos aquele busto feminino apresentado de frente com as mãos a apertar os seios flácidos contra o peito. Figuras humanas, bestas, carrancas. Noutro capi-



tel dois homens parecem medir forças em luta greco-latina.

Mais, ali, do lado norte, temos aquilo que os estudiosos afirmam ser a campa de um dos fundadores do mosteiro. Será? Não nos parece que esta pia granítica rectangular colada à parede norte da capela-mor, colada ao caminho<sup>4</sup>, coberta com um arco lavrado de igual rocha, como a generalidade das fontes de chafurdo (noutras regiões chamadas *fontes de mergulho*) espalhadas por esse Portugal inteiro, seja um túmulo. Como pode ser um túmulo se sobre a metade direita do arco assenta um dos contrafortes prismáticos exteriores do alçado norte, sendo, portanto, difícil de aceitar que, estando a igreja em construção, se fosse escolher este sítio para enterrar um defunto, sob pena de não haver respeito pelos mortos, que não era o caso? E a ser projectado e executado aqui um túmulo, qual arcosólio para uso futuro, sê-lo-ia para pessoa importante ligada ao mosteiro e não para pessoa anónima cujo identidade ficou silenciada na face das pedras aqui colocadas, bem ao contrário do que sucedeu com o Padre Roberto, cujo óbito se encontra gravado no alçado sul da capela-mor, mesmo por cima de um sarcófago monolítico antropomórfico. (ver foto) que, com o recolhimento devido para quem desceu à última morada, foi colocado afastado do caminho e não colado a ele como é o caso deste pequeno tanque. E, dando a volta completa, estamos novamente na porta lateral.

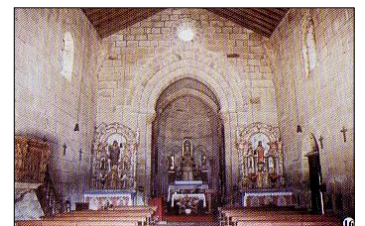
Entremos.

O templo é escuro e frio. De uma só nave coberta com uma abóbada de arco quebrado, mais parecendo quilha de barco voltado do que berço ou meio canhão, pode dizer-se que a solução encontrada para a cobertura não foi puramente românica, nem gótica, tal como na capela-mor. Esta, separada daquela por um arco cruzeiro, exhibe os capitéis das suas colunas historiados predominantemente com motivos zoomórficos, vegetalistas e algumas figuras humanas.

Que faz esta portinhola, aparentemente desnecessária, no painel sudeste da capela-mor? Porque é que Aarão de Lacerda não a incluiu, em 1919, na planta da igreja que inseriu no seu livro *“Templo das Siglas”*? Ela coloca-nos uma questão séria. O templo foi construído de uma só vez, em obediência a um só “risco”? Se foi, como se justifica o erro grosseiro do óculo do corpo principal que sobrepuja o arco cruzeiro ter a parte inferior da sua moldura exterior, pedra lavrada, tapada pela cumeeira da capela-mor? Que dizer das duas janelas no topo da cabeceira diferentes nas medidas e na forma das que lhe estão ao lado?

As duas primeiras mais largas no interior, de ombreiras em V de vértice cortado, tipo seteiras, com a parte larga para dentro e as outras duas não?

Que dizer da recrava circular, de bordo saliente, lavrada no topo da ombreira da portinhola, destinada a receber o *coucinho* da porta, arcaísmo que



<sup>4</sup> Mesmo ao lado uma sarjeta com gradeamento deixa ver a canalização da água que ali passa e desce em direcção ao ribeiro.

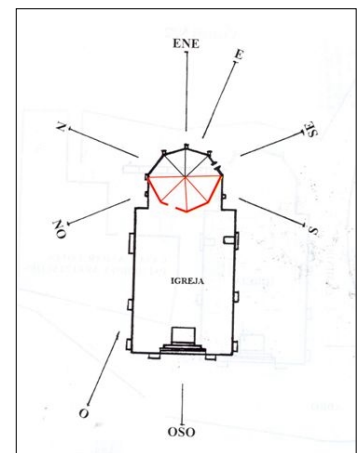
se manteve como dobradiça, nos cortelhos, casebres e casas serranas, mas foi excluído das duas portas do corpo principal do templo, ambas de abrir para dentro com trancas de segurança no interior, diferentemente da portinhola de abrir para fora, batente interior e recrava exterior para a “língua” do cravelho? Torça recurvada, pseudo-arco, a destoar das outras duas do corpo principal? Porque é que a fachada principal da Igreja ficou virada para OSO e não no alinhamento exacto ESTE/OESTE? E será de somenos importância registar que os quatro painéis de topo da capela-mor, do lado exterior, estão, praticamente, limpos de siglas, ao contrário do que se passa no resto do templo?

Verificado tudo isto, é de crer que a cabeceira da actual capela-mor seja parte de uma *ermida* primitivamente autónoma, de planta octogonal (ver planta), da qual metade foi sacrificada para se construir a ligação à outra parte do templo, feito posteriormente. *Ermida* que, mantendo de pé os quatro painéis da cabeceira e a portinhola de serviço, não deixaria de ter também uma porta principal e esta, respeitando a ideia geral aplicada a todos os templos cristãos, estaria, seguramente, orientada para o poente.

De facto “as primeiras igrejas cristãs não estavam orientadas: em alguns casos, o altar estava voltado para o ocidente e o sacerdote ficava por trás, virado a oriente, estando a assistência, portanto, voltada a oeste. No século V este hábito modificou-se, de modo a o sacerdote e a assistência ficarem voltados a nascente; desde então o sacerdote ficou de costas para os fiéis durante a maior parte da missa. Tantas vezes o altar foi colocado a nascente e a entrada a poente, que estes pontos cardeais foram utilizados durante toda a Idade Média para designar as partes da igreja” (Upjohn, et alli.1965:88)

Postas as coisas assim, reconstituída a planta, não foi difícil saber em que lado estaria a porta principal dessa *ermida*. Dos oito lados do octógono só um estava virado rigorosamente a oeste: era o 3º a contar da porta de serviço existente, rodando no sentido dos ponteiros de um relógio, desenho que encontra paralelo na “Capela das Carrancas” do século XVIII, aquela que, distante no tempo, mas próxima no espaço e igual na planta, existe na vila de Castro Daire, com a mesma orientação, com o mesmo número de portas e estas localizadas nos mesmos lados do octógono.

E a ser assim, não obstante estarmos avisados que “os pedreiros da Idade Média não eram tão exigentes como os Gregos do século V a. C., em matéria de perfeição e rigor de execução das plantas ou projectos” (Upjohn et alli. 1965: 142) justificada ficava a orientação da actual Igreja para OSO, orientação imposta pelo alinhamento da porta principal com o vértice da cabeceira poupada do edificio anterior; justificada ficava o erro da cumeeira a sobrepor-se à moldura exterior do óculo traseiro do corpo principal; justificada ficava a existência desnecessária da porta de serviço, depois do acrescento feito, com o sistema arcaico de dobradiça; justificadas ficavam as diferenças das tor-





ças; justificadas ficavam as designações *monasterio de hermitagio*, *mosteiro da ermida*, *couto da Ermida*, *freguesia da Ermida*, *igreja da Ermida*, onde a *ermida*, sempre presente e ainda que amputada, se recusou a perder o nome de baptismo, forçando o novo templo e os espaços geográficos político-administrativos a adoptá-lo.

E a sacristia, atrás do altar-mor, não é também resultado de tudo isto? Não poderá ver-se aqui um remedeio para as dificuldades litúrgicas próprias de todas as igrejas de “planta central” como seja a de S. João Vital, em Ravena, dotada de um deambulatório, também de forma octogonal, onde o altar se situa numa pequena abside, a nascente, pelo facto da liturgia cristã exigir que a assembleia estivesse de frente para o altar, e dado o inconveniente de grande parte dos fiéis ter de ficar dos lados ou atrás do altar? (Upjohn, et alli, 1965:110-111)

A primitiva *Ermida*, de planta octogonal, dotada de espaço bastante para acolher meia dúzia de frades em oração, não resistiu às necessidades impostas pelo aumento dos fiéis, eventualmente também dos peregrinos, e ter-se-á deixado amputar para dar lugar a um templo mais consentâneo com as necessidades e com os tempos. É o que chegou aos nossos dias.

As janelas do corpo principal, tipo seteiras, abertas lá bem no alto em arco redondo, perto da cornija, deixam passar para o interior uma luz mortiça, criando um ambiente interno de recolhimento e oração. O chão, lajeado e frio, não é mais do que a continuidade horizontal das paredes que nele caem verticalmente, pesadas e firmes. (Carvalho, 2000:144)

Nos dois lados do arco cruzeiro, encostam-se os dois únicos altares da nave. Um é do Coração de Jesus e o outro da Senhora do Rosário, com retábulos de talha. A imagem da Senhora do Rosário com o Menino, de madeira policromada, segue os cânones da imaginária setecentista. Quem no-lo diz são os mestres que nos acompanham nesta visita desde o princípio: Aarão de Lacerda, Gonçalves da Costa e Alexandre Alves.

Mas vejamos, também, a pia baptismal do século XVI, provavelmente contemporânea da instituição da paróquia. E eis, mesmo ao lado, uma pilastra truncada, sem remate, aparentemente inútil. A meia distância do chão está gravada e pintada a vermelho uma *cruz de malta*, igualzinha àquelas que se encontram gravadas noutras pedras do interior do templo (ao todo seis) com destaque para aquelas que se encontram de cada lado da entrada principal e no seu tímpano, esta (no interior) exactamente no lugar oposto àquela que, em relevo, se encontra delineada no exterior.

A pilastra não estava assim, sem remate, em 1919.

Aarão de Lacerda diz peremptoriamente: “a parede do coro que está na ala norte tem, além do contraforte e da janela, uma coluna sobrepujada de um belo capitel historiado com o símbolo talvez da iniciação” (Lacerda, 1919:52)



Mas de que iniciação se tratará? Do belo capitel historiado que a sobrepujava com o símbolo talvez da iniciação, nem rasto. Afinal, que símbolo de iniciação era esse para assim ter desaparecido? Aceite pela ortodoxia medieval, ostracizado pela ortodoxia moderna, onde foi ele parar? O rigorismo de S. Bernardo parece ter chegado tarde, mas parece que sempre chegou.

Certamente não lhe passa despercebido o carácter visigótico patente nas várias manifestações escultóricas que ornamentam o templo. Há aqui muita arte, mas também muita ingenuidade, cor local e intenção picaresca. Fora e dentro do templo.

Saiamos.

Não deixemos de observar aquele modilhão, lá bem ao pé da cornija, ao lado direito deste contraforte. Aqui, afastamo-nos dos mestres. É uma imagem masculina tipo ET que se trata (ver foto), e não uma daquelas figuras com asas, sem corpo, de rosto afeminado, abonecado, rechonchudo, de sexo indiferenciado que tão abundantemente ornamentam os templos cristãos. Se o fosse não teria passado despercebido à observação daqueles que nos precederam nesta visita e falaram sobre o templo. Ele foge, como, se calhar, também fugia o mesteiral que o esculpiu no capitel, à ortodoxia daqueles que silenciaram a sua existência. É um homem adulto, um idoso, um varão, um macho bem identificado que as ferramentas do escultor, sem inibição, lhe burilaram entre as pernas. Não deixa de ser estranho que tal figura tenha passado despercebida ou, então, diluída na expressão "*figuras humanas*" a todos os outros que aqui estiveram antes de nós. Ou será que a viram e receram dizer que um cachorro que sustenta a cornija de uma igreja está ornamentado com a figura de um homem, cujo artista se esqueceu de colocar-lhe no baixo ventre a folha de figueira? Sacrilégio? Se uma figura humana masculina, exibindo claramente as suas naturezas, foi ali colocada com toda a naturalidade e se isso não foi sacrilégio para o artífice medieval, nem para o responsável pelo risco e execução da obra, em que nome de valores éticos e morais, se não alude a esse elemento escultórico e se dá relevo a tantos outros, nomeadamente aos que projectam o bestiário?

Não há dúvida! Estivesse ele colocado mais à mão, e ter-lhe-ia acontecido o que aconteceu às figuras humanas esculpidas em posições eróticas que ornamentavam as arquivoltas da medieval Sé de Lamego, partidas que foram, algumas delas, com camartelo guiado por mente e mãos rigoristas modernas.

## 2. A Problemática da Fundação

Nicolau de Santa Maria, cronista de Santa Cruz de Coimbra, atribui a fundação do Mosteiro da Ermida aos monges premonstratenses, que, depois de



terem ajudado D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa, em 1147, se terão deslocado para as faldas do Montemuro, confiantes na cláusula do acordo que lhes garantia continuarem a viver em Portugal «*com as liberdades, foros, usos e costumes, dos seus respectivos países e reconhecendo só o domínio eminente da coroa*».

Assim, alcançada a vitória, D. Afonso Henriques, honrando certamente a letra do acordo firmado com os seus aliados, não tardou a repartir os domínios conquistados, dando-lhes a oportunidade de povoarem e arrotearem terras abandonadas pelos árabes vencidos. E foi assim que “*Guilherme, apelidado de Lacorni ou Descornes, povoou, em parte, com os seus homens de armas Autogua; Jourdan, outro capitão dos cruzados, estabeleceu-se na Lourinhã e Alardo, em Vila Verde*” (Herculano, Tomo III, s/d: 52) .

Conquistada Lisboa, o Rei apressou-se a mandar fazer um Mosteiro em honra do Mártir S. Vicente, no lugar onde estiveram acampados os exércitos sitiadores. Aconteceu que das hostes dos Cruzados faziam parte alguns cónegos regrantes premonstratenses, entre os quais o abade Gualter que, pela mão do Rei Conquistador, se viu provido no cargo de Prior do Mosteiro acabado de nascer. E usando desse cargo, confiante na letra do acordo firmado antes da conquista da cidade, o Prior tentou sujeitar o Mosteiro ao Premonstrado da França, coisa que o monarca Português recusou. O Cónego, vendo goradas as suas pretensões, ressentido com a atitude do monarca, regressa às origens despeitado, após o que o mosteiro foi entregue aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

Mas se Gualter regressou às origens, o mesmo não terá acontecido com dois companheiros seus que, tendo certamente em mente o estipulado no acordo acima referido, buscaram refúgio nas sossegadas faldas do Montemuro, pois, tal como relata Nicolau de S. Maria, cronista de S<sup>a</sup> Cruz de Coimbra “*consta de memórias antigas que dois cónegos premonstratenses, dos quatro companheiros do abade Gualter, afeiçoados à terra se deixaram ficar em Portugal e edificaram um Mosteiro da sua Ordem na Igreja da Ermida, junto de Roriz*” (in Lacerda, 1919: 35)

E é nesta expressão de “*memórias antigas*”, sem contornos definidos no tempo, que o cronista de Santa Cruz de Coimbra atribui aos premonstratenses a fundação do mosteiro. Seguiu-lhe a peugada Frei António da Purificação que, na «*Chronica da Antiquíssima Província de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*» diz que «*teve esta ordem no nosso Portugal hu só mosteiro em tempos antigos no Bispado de Lamego, aonde hoje está uma igreja parochial chamada Santa Maria da Ermida. Ainda hoje, alli aparecem algumas ruínas deste mosteiro*» (cit. Lacerda, 1929: 35) também ele, agarrado à expressão, “*tempo antigos*”, expressão igualmente vaga e sem contornos definidos no tempo, atribui aos augustinianos o mosteiro da Ermida.



E foi, quiçá, face a estas afirmações tão vagas e imprecisas que, Aarão de Lacerda, professor de Coimbra, pensou o mesmo. E, depois de a folhear a biblioteca fradesca do Convento de Mafra com o objectivo de fazer luz sobre a data da fundação do Mosteiro da Ermida, seguro de terem sido os premonstratenses os seus fundadores, diz ter encontrado na *"Bibliotheca Praemonstratensis* – de Joanne Le Paige, **MDCXXXIII**", e na *"Sacri et Canonici Ordinidis Praemonstratesis Annales"* – Apud Viduam Joan. Bapt. Cusson et Abelel – Dionysium Cusso, **MDCCXXXIV**, uma sinopse dos mosteiros premonstratenses existentes em Espanha e Portugal, que transpôs para o seu livro *"Templo das Siglas"* que estamos seguindo de perto.

Da lista por ele referida extraímos a referência ao Mosteiro de *"Santa Maria da Ermida – 1173"* (cit. Lacerda, 1919: 38) e o quadro onde aparece nome do Padre Roberto como fundador do Mosteiro, no ano de **1178**. Assim:

#### CIRCARIA HISPANIAE

| Monasteria                              | Fundadores  | Diocesis   | Civitas proxima |
|---|---|------------|-----------------|
| S. Maria de Ermiterio, filia Charitatis | Rupertus vel Rubertus Consobrinus Alphonsi Regis Lusitaniae <b>1178</b> | Lamecensis | Roriz           |

*Ob. cit. p. 38*

Duas datas muito aproximadas, referidas em obras diferentes, parecem assim remeter-nos, com alguma margem de erro, para os tempos longínquos em que o eremita Roberto e os frades que o acompanhavam, começaram a respirar os ares puros da serra do Montemuro e a saborear as deliciosas trutas do rio Paiva. O *"Poço dos Frades"* nome por que é conhecido, ainda hoje, um troço do rio Paiva aos pés do templo, é, seguramente, o eco histórico dos privilégios usufruídos pelos monges no que respeita à pescaria.

Importante é a referência ao nome do fundador *Rupertus* ou *Rubertus*, pois, para além ter sido escrito no papel, ele aparece também gravado numa pedra que faz parte do painel lateral-sul da capela-mor da igreja de S<sup>a</sup> Maria. A legenda foi ali inscrita para eternizar, sem dúvida, o *nome* e a *data* do homem que terá reunido à sua volta a comunidade religiosa a quem se deve, naturalmente, a existência do único monumento medieval arquitectónico que perdura no concelho de Castro Daire. Mas será esse o templo primitivo? Procuraremos responder a esta pergunta mais adiante.

De facto nessa pedra pode ler-se a seguinte legenda:

*"ERA M C 2R VIII CVANDO OBIIT PATER RUBERT MENSE OTUBER"*, que quer dizer, *"Era de 1198 quando faleceu o Padre Roberto, mês de Outubro"*.

Está sobranceira à campa vazia, escavada em rocha, sem tampa, donde há muito desapareceram as ossadas do defunto. Legenda e campa são o que resta da cerimónia piedosa que, sem margem para dúvidas, ali teve lugar no Ano da Graça de **1160**, já que a data da inscrição – **1198** - corresponde à Era de César<sup>5</sup>

E com estas datas todas presentes algumas interrogações se põem a todos aqueles que procuram aproximar-se com rigor dos eventos históricos ocorridos num determinado tempo e espaço.

Chegados a este ponto e na prossecução dos objectivos que nos propusemos logo no princípio, que foi tentar penetrar no mistério que envolve a origem do *Ermitério do Padre Roberto* até agora atribuída aos premonstratenses, cuja tese, como vimos, tem por escoras as vagas expressões "*consta de memórias antigas*", "*tiveram em tempos antigos*", expressões sem contornos temporais definidos que sustentaram o *dito* e o *feito* acerca do ermitério por Aarão de Lacerda e autores subsequentes que, "*acriticamente*", lhe seguiram a pegada, é tempo de reflectirmos sobre tudo isso, agradecendo a todos o produto de pesquisa que nos legaram.

Vimos que a inscrição alusiva ao óbito do Padre Roberto se reporta à Era de César de **1198**. Se a esta data subtrairmos **38 anos** constatamos que o Padre Roberto faleceu em **1160 A.D.** Constatámos também que a fundação do Ermitério é dada como tendo acontecido na Era de César de **1178** (Lacerda; 1919:38) pelo que retirando-lhe os **38 anos** recuamos ao ano de **1140 A.D.**, isto é, 7 anos antes da conquista de Lisboa aos Mouros. E se considerarmos ainda a data de **1173**, referida na sinopse inserta nos *Anais Premonstratenses*, (Lacerda, 1919:38) e subtraindo-lhe igualmente os **38 anos**, recuamos ao ano de **1135 A.D.**, ou seja 12 anos antes da conquista de Lisboa. Mas, se a isto tudo acrescentarmos o arguto raciocínio de Alexandre Alves referente a uma doação feita ao Ermitério do Padre Roberto por D. Afonso Henriques, dizendo expressamente que "*se a data atribuída ao documento está certa – I-X-1145 – os premonstratenses teriam vindo para Portugal muito antes da conquista de Lisboa aos Mouros*". (Alves, 1986:238), concluiremos, sem grande esforço, que a fundação do Ermitério nada tem a ver com os cruzados que ajudaram a conquistar Lisboa e, por consequência, nada tem a ver com os cruzados-premonstratenses que participaram nesse evento. Daí dizermos que nos parece não ser sustentável a tese que atribui aos premonstratenses a fundação do mosteiro. Daí também a escusa de aceitarmos que tudo tenha partido das expressões tão vagas quanto imprecisas acima transcritas, usadas pelos Cónegos

---

<sup>5</sup> O número 2 que precede o R na inscrição acima referida tem o valor de 50, pois "*com esta figura 2 foi usadíssimo, entre nós, desde o século IX até ao século XII e sempre com o valor de 50*" (Elucidário II, p. 349)

Regrantes de Santo Agostinho.

Demonstrado que fica que o ermitério já existia aquando da conquista de Lisboa, se não foram os premonstratenses os responsáveis pela sua fundação a quem se deve afinal tal tarefa?

A resposta passa sempre por algum *eremita* anónimo, eventualmente seguido por *Dono Roberto* que, no mesmo sítio, naturalmente tocado pelos movimentos monacais da época e, seguramente, por alguns deles influenciado, resolveu fixar-se, ali, nas margens do Paiva, e, conjuntamente com outros frades, fazer do *hermitagio* sua morada.

E cabe aqui dizer que nas inquirições de 1258 a palavra *hermitagio* é referida 48 vezes, e *monasterium* 4 somente. E sabendo nós que *hermitagio* significava “*ermida, santuário, capela ou casa de oração, fundada em lugar ermo e solitário, donde lhe veio o nome e não por ser habitada por algum eremita ou ermitão*”. (Elucidário, II, p. 313) não nos custa a admitir que, nas margens do Paiva, “*uma ermida, uma casa de oração*” à qual se juntaram os anexos habitacionais, abrigo de eremitas, terá sido a ponta de lança espetada em terras de mouros a montante de Reriz. E cabe aqui lembrar que não muito longe do Ermitério, perto da povoação do Bugalhão se levanta a ermida de S. Mamede, santo martirizado na Capadócia “cuja fama, se não mesmo alguma relíquia sua, terá passado os Pirinéus e chegado à Península Ibérica, onde se terá desenvolvido o seu culto, uma vez que tal era referido nos calendários moçárabes” (Carvalho, 2000:133-134)

O certo é que, em 1258, o *Ermitério de D. Roberto*, parece estar desligado institucionalmente de qualquer Ordem Monacal, como é legítimo concluir-se daquilo que os “*vero inquiridores*” deixaram registado ao indagarem por que mãos andavam os foros e terras de D. Afonso III.

De facto ao interrogarem “*Johanne Martini priore monasterii de hermitagio Donni Roberti*” e outros frades, estes, *omnes una voce*, foram peremptórios na afirmação de que “*o monasterium de Hermitagio est totum Dominici Regis, et est hedificatum in propria hereditate Regis, et Dominus Rex est patronus, et quicquid boni mosnasterium habet, per Reges habet, et dixerunt eociam, quod omnes priores, qui fuereunt missi in prelatura in ipso monasterio, fuerunt missi et concessi per Reges*” (Correia, et al, 1986:373).

Isto aconteceu em 1258. Mas sabemos, através de Alexandre Alves, que em 1191 o prior P(edro) da Ermida da Santa Maria de Riba Paiva, dava carta de foral aos moradores de Pinhel (Alves et al, 1986:238) e, cem anos depois, como nos diz Gonçalves da Costa, citando o Liv. 2º dos Padroados, f. 154v “a 4 de Julho de 1294, D. Dinis deu o seu consentimento a uma eleição feita pelo convento do mosteiro do eremita Roberto, eleição que se reportava à **escolha do irmão Pedro de diferente instituto monacal, para o cargo de prior**” (Costa; vol II, 1979:548, rodapé)

A que Ordem pertencia este irmão Pedro eleito para o cargo de reitor do "mosteiro do eremita Roberto" em 1294? Ter-se-ia mantido no cargo por muito tempo? Até que ponto é verdadeira a afirmação feita pelo cura de S. Joanhinho, cuja igreja era anexa da Ermida, ao dizer que "os frades foram expulsos em 1312"? (Lacerda, 1919:37), sabendo nós que "o Prior e Convento da Hermida de D. Ruberto derão sua procuração a João Simoens para defender a sua causa contra os juizes e concelho de Sortelha, contra D. Pedroanes e contra sua mulher D. Orraca Affonso sobre herdamentos que os constituintes tinham no dito concelho. Dada na Hermida de D. Ruberto, XIII dias por andar de Janeiro. E. MCCCXXI"? (Castro Daire.. p 238/239)

Pois. Se pelo andar de Janeiro de 1321 o prior da Ermida passava esta procuração em que ficamos? Os frades saíram e regressaram? Sairam uns e entraram outros?

Desconhecemos as razões que levaram à eleição do irmão Pedro, de "instituto monacal diferente" para o cargo de reitor, em 1294. Desconhecemos igualmente as razões que terão levado à expulsão dos frades em 1312, caso seja verdadeira tal afirmação. E seguramente o cura de S. Joanhinho, que teve acesso a documentos que a nós escapam, lá teria razões para tal afirmar.

Não sabemos isso, mas sabemos que por esta altura, entre 1250 e 1350, a Europa sofria forte agitação religiosa e que "uma efervescência mística sem precedentes apodera-se então do Ocidente" (Varene,1989:62)

Será que os frades da Ermida tiveram a veleidade de assumir uma postura herética, seguindo a onda da época que fez tremer as estruturas tradicionais? O que é que isto terá a ver com a subida do Papa Clemente V ao trono de S. Pedro, que em 1309 se instalou em Avinhão, iniciando aquilo a que os Romanos chamaram "o cativeiro da Babilónia"? (Fontebrune, 1988:108)

E que terá isso a ver, ainda, com a extinção da Ordem dos Templários no Concílio de Viena do Delfinado em 1311? Porque foram expulsos os monges da Ermida? Que estatuto monacal tinham nessa altura? Que tinham a ver os frades da Ermida com os Hospitalários e Templários?

Seja como for, não nos custa aceitar que foi neste interim que os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho encontraram espaço para entrarem no mosteiro e escorados, depois, nas expressões "*consta de memórias antigas*" chamarem a si a orientação e o património do Ermitério, sem dizerem como, nem quando. Se não mesmo destruindo documentação «inconveniente».

E não deve o leitor estranhar o facto de as pessoas e instituições chamarem ao seu património o que antes não era. Não é preciso sairmos das Inquirições de 1258 para constatar isso mesmo. As testemunhas interrogadas acerca de quem fundara a igreja do Gafanhão e em que terras estava fundada, disseram que ouviram dizer que "*Donnus Beloy villanos fecit ipsam ecclesiam in*

*sua propria hereditate, et milites de Amaral filliaverunt eam per forciam*" (Castro Daire, pp 346)

Ainda que o nome do seu fundador tenha chegado somente de ouvido ao ano de 1258, o certo é que a igreja do Gafanhão, tomada pela força sem se saber quando, mudou de proprietários e de proprietário mudou também a herdade sita no termo de Folgosa que pertenceu a Maria Midiz e que pela sua morte os *"fratres da hermita filliaverunt ipsa hereditatem"* para engrandecerem o seu património. E atitude semelhante teve a igreja de Pinheiro, como se vê nas inquirições: *"Elvira Cabreira, de Vila Seca faleceu sem testamento (sine fabula) e, após a sua morte, a igreja de Pinheiro apoderou-se da sexta parte de um casal regalengo que ela tinha em Vila Seca, por testamento. Interrogada a testemunha desde quando é que a Igreja se apoderou da herdade, disse que foi no tempo do actual rei"*.

Património assinalável, como assinalável é também o património de outras instituições religiosas referenciados nas mesmas inquirições de 1258, como acabamos de ver. Atente-se o quadro seguinte:

| Mosteiros/Ordens | Designação de Bens   | Localização(nos termos de) |
|------------------|--|----------------------------|
| Hospital *       | Muitas herdade e vinhas, casais, foros em dinheiro e géneros | Fareja, Eiris e Ribolhos   |
| Tarouquela       | Casais   | Eiris                      |
| Paçô             | "focaria"  | Savaris                    |
| Pendurada        | Quinta   | Nodar                      |
| Templários       | Foros  | Ribolhos                   |

Fonte: Inquirições de 1258 (Compilação do Autor)– vide Anexo-texto nº 1

\* *"Das Ordens Militares impunha-se, na diocese de Lamego a de Malta, com as importantes Câmaras magistrais de Sernancelhe e Vila cova à Coelheira, divididos em diversos ramos como os de Fontelo e de Alvelos, pertencentes à última" (Costa, 1984, vol. IV: 600)*

Casais, foros em dinheiro e género, *"muitas herdades e vinhas"* possuíam os freires do Hospital nas terras castrenses. A mais nenhuma outra instituição, a não ser à igreja de Castro Daire e ao Ermitério de D. Roberto, foi aplicada tal expressão. A seguir à Ermida, os Hospitalários eram, sem dúvida, a Ordem que mais implantação tinha por estas bandas.

Ali mesmo, em Ribolhos, às portas de Castro Daire, em 1758, "as Memórias Paroquiais adiantam que é um couto pertencente à Ordem de Malta com "juiz ordinário que serve de órfãos e crime e cível e vereador e não está sujeito a outra alguma justiça senão ao ouvidor que é apresentado pelo comendador e pastor de Malta" (RAMOS, 1998:23) E no vizinho concelho de S.



Pedro do Sul, onde nestes finais do século XX a Sociedade Agro-vinícola da Quinta da Comenda integra uma casa do século XII, que foi da mãe do primeiro rei de Portugal e 38 ha de terras que, desde então até 1834, sempre foram da Ordem de Malta. (Gazeta da Beira, nº 359 de 15.07.2000:4)

Os inquiridores não conseguiram, pois, apurar desde quando estas três instituições - a *igreja de Castro Daire*, o *hermitagium de D. Roberto* e os *monges do Hospital* - possuíam "*muitas herdades e vinhas*" por testamento, nem tão pouco quem tinham sido os seus testadores. Mas uma coisa é certa: os frades da Ermida são peremptórios quando, todos a uma só voz, disseram que o *monasterio do hermitagio*<sup>6</sup> estava edificado nas terras do rei e que este era o único senhor dele. Mas disseram também quais as terras e foros que, por testamento, ou não, deixaram de ser seus e passaram para o património do Ermitério do Padre Roberto.

### 3. Influências Dos Hospitalários E Templários Nas Origens Do Mosteiro

Demonstrado ficou que o Ermitério já existia aquando da conquista de Lisboa. E se não foram os companheiros do Cónego Gualter os responsáveis pela sua fundação, a quem se deve afinal a sua existência, uma vez que na sua arquitectura e decoração se encontram elementos seguramente *hospitalários*, como seja a **cruz de malta** (que no dizer de Tresidder em "Os Símbolos e o seu Significado" se "baseia-se num velho símbolo assírio). As suas asas, parecidas com dardos, conferem-lhe oito pontos de direcção" (Tresidder,2000:146), e elementos *Templários*, como seja a **cruz florenciada**?

A resposta passa sempre pelo *eremita* Roberto ou algum antecessor seu que, naturalmente tocado pelos movimentos monacais da época e, seguramente, por alguns deles influenciado, resolveu criar uma comunidade de monges e fixar-se neste local de passagem para apoio aos peregrinos, tal como fizeram, nas suas origens aquelas duas Ordens, sem, contudo, se submeter institucionalmente a qualquer uma delas. É pelo menos essa a ideia que fica da leitura das Inquirições de 1258, já acima referida e aqui repostas para melhor juízo:

Os *veros inquisitores*, ao ouvirem os frades da Ermida, estes, *omnes una voce*, foram peremptórios: *o monasterium de Hermitagio est totum Dominici Regis, et est hedificatum in propria hereditate Regis, et Dominus Rex est patronus, et quicquid boni mosnasterium habet, per Reges habet, et dixerunt eociam, quod omnes priores, qui fuereunt missi in prelatura in ipso monasterio, fuerunt missi et concessi per Reges* ("Castro Daire" 1986:373).

---

<sup>6</sup> "Um ermitão, mesmo embrenhado na serra, ou só, ou com alguns poucos companheiros, era o que bastava para que se desse o nome de mosteiro à sua brusca e tenebrosa cova ..." (Elucidário, II, p. 429)

Convém lembrar que os *inquiridores* não se esqueceram de nomear os mosteiros, (Tarouquela, Paçõ e Pendurada) e identificar as Ordens dos Hospitalários e Templários que possuíam larga cópia de terras e foros na zona.

Situando-nos no século XII e tendo presente as ideias da época, bem como o perigo que corriam todos aqueles que se deslocavam em negócios e em peregrinação, podemos pensar que o eremita Roberto, ou outro antes dele, se deixaram influenciar pelos Hospitalários e Templários, ordem religiosas que, segundo Jaques de Vitry, nasceram para combater os “facinoras e ladrões que infestavam os caminhos e apanhavam os peregrinos de surpresa, despojando um grande número destes e massacrando outros” (Pernoud;1974:13-15)

Estas duas Ordens nasceram no Oriente e é verdade que “enquanto viveram na Palestina houve sempre uma emulação entre os Templários e Hospitalários que não poucas vezes se traduziu em lutas armadas. Com a queda de S. João de Acre, em 1291, ambas as ordens se transferiram para Chipre que Ricardo Coração de Leão tinha dado ao rei de Jerusalém. Ai (os Templários) continuaram as suas desavenças com os Hospitalários que provavelmente lhes cobiçavam as riquezas. Esta rivalidade não deve ter sido alheia à extinção da ordem” (Dic. Hist. Portugal;IV:145)

O fundador do Ermitério, quiçá, conhecedor de tudo isto, deixando de lado as lutas travadas entre elas, adopta-lhe os princípios de ajuda ao próximo e, mesmo sem passar pelo estatuto de cavaleiro, leva por diante a missão que abraçou nas margens do Paiva.

E não deixa de ser curioso notar que a Ordem dos Hospitalários de S. João de Jerusalém, fundada em 1148, teria a designação inicial de Santa Maria (Latina), (Dic. Hist. Port., 1971:449-459) e que o mosteiro da Ermida, foi designado por Santa Maria de Ermiterio, (filia Charitates) nos *Anais Premonstratenses* (século XVI e XVII). Será pura coincidência ou declarada influência? E não falemos em S. João Baptista, orago da anexa e distante igreja de S. Joaninho e da vizinha igreja de Pinheiro.

A influência da Ordem dos Hospitalários nas origens do mosteiro da Ermida parece ser evidente. Esta ordem “terá chegado a Portugal nos princípios do séculos XII em data que se desconhece pelo facto do seu arquivo, no Convento da Flor da Rosa, junto à vila do Crato, ter sido totalmente destruído pelos espanhóis em 1662. Armando de Castro diz que ela dispunha de “*numerosos pequenos domínios dispersos pelo Centro e Norte de Portugal*” (ob.cit.)

Tendo conquistado Chipre e Rodes ficaram a chamar-se Cavaleiros de Rodes a partir de 1310. Eles ostentavam no peito, uma cruz de quatro braços iguais.

Não foi, pois, fácil a vida da Ordem de S. João do Hospital de Jerusalém. Desalojados que foram da ilha de Rodes acabariam por fixar-se na ilha de Mal-

ta,<sup>7</sup> em 1530, para estabelecimento da sua sede. Daqui a designação de Ordem de Malta dada à já secular Ordem dos Hospitalários. O hábito regular consistia numa dalmática e num grande manto negro, no qual traziam, como já vimos, uma cruz de ouro octavada com esmalte branco (Dic. H. Port. Vol II, pp 897)

Posto isto, em que medida pode o historiador ignorar os elementos materiais existentes na Ermida e que parecem estabelecer uma ponte entre este mosteiro e os Hospitalários?

Já vimos a cruz que figura no tímpano da porta principal e nas pedras do interior da igreja, a cruz octavada (de oito pontas) a Cruz de Malta. Mas existem mais alguns elementos que, nesta nossa saga de querermos desvendar o passado, não podemos ignorar, ainda que não saibamos explicar, por agora, a razão de tudo isto. Contudo, aqui deixamos o seu registo, pois, depois de nós, outros dados poderão surgir e, com eles, alguém possa reunir condições para resolver a quadratura, não do círculo, mas do *triângulo* que adiante desenharemos.

Referimo-nos, primeiro, ao facto de se manter até há bem pouco tempo a tradição de o pároco da Ermida, ou qualquer presbítero de sua escolha, ir em *“procissão a modo de rogação à Capella de N. Senh<sup>a</sup> de Rodes da Freguesia de Reriz Bispado de Viseu”* (Pedrosa, 1772:44) e, segundo, ao facto de em duas freguesias de Oliveira do Hospital (terra cujas origens estão ligadas aos Hospitalários) e em Cujó, terra que pertenceu ao Couto da Ermida, os pedreiros, de uma e outra localidade, não obstante a distância que as separa, conservarem entre si o *“verbo”* de cujas origens não há memória. Apenas se sabe que é uma herança dos antepassados.

No primeiro caso, sabemos apenas que Nossa Senhora de Rodes, na freguesia de Reriz, está ligada aos primórdios da nacionalidade. A ela se liga a lenda do eremita Leovigildo Peres, o mesmo que tendo andado pelo Alentejo por alturas da batalha de Ourique, aconselhou Afonso Henriques a enfrentar os mouros, certo que os venceria, pois isso vira durante um sonho. Depois “regressou à sua terra originária, Reriz, onde na serra das Cabeceiras, fundando ou só reedificando a ermida de St<sup>a</sup> Maria, continuou a vida solitária e morreu, sendo sepultado junto da dita ermida” (Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. 25, pp. 215)

E mais não dizemos sobre a problemática fundação do Ermitério. Só nova documentação e novas pesquisas poderão lançar a necessária luz sobre o assunto.

---

<sup>7</sup> “Das Ordens Militares impunha-se, na diocese de Lamego a de Malta, com as importantes Câmaras magistras de Sernancelhe e Vila Cova à Coelheira, divididos em diversos ramos como os de Fontelo e de Alvelos, pertencentes à última” (G. costa, vol. IV, p 600)

#### 4. As Siglas

As siglas têm sido consideradas as assinaturas dos canteiros, visto estes trabalharem à peça e, assim, evitarem que camaradas de ofício facturassem trabalho alheio. Esta é a clássica explicação aplicada à generalidade dos sinais existentes em muitas construções por essa Europa fora, partindo da ideia de que o pedreiro, chegada a fase de assentar a pedra, lhe gravava a sua «marca particular, geralmente um desenho simples e geométrico, como uma estrela ou uma cruz. Um bloco acabado levava normalmente três marcas diferentes, mostrando quem o cortara, de que pedra viera e onde devia ser colocado» (Allen et al, 1993:146).

Ora, recebida a explicação deste e de outros mestres, poderíamos passar adiante e deixar as siglas em paz. Mas não o fazemos. E isso porque, no templo da Ermida, como aliás noutras construções, se algumas pedras apresentam três siglas acopladas, as mais delas não se enquadram na eloquente explicação trinitária que acabámos de ver. Muitas têm uma só sigla; bastantes duas, apenas; e outras, nenhuma. Daí pensarmos que a explicação das três assinaturas decorre, certamente, da postura trinitária que impregnava o pensar e o agir de tempos idos ligados a saberes ocultos como acontecia na Cabala, onde a cada palavra e a cada frase são atribuídos nada menos que três sentidos diferentes: «o sentido literal, o sentido figurado e o sentido esotérico». (Laurent et al. s/d:12).

Por isso, admitindo que as siglas, para além do sentido literal e figurado, podem estar impregnadas de sentido esotérico, gostaríamos de somar à reflexão mais alguns dados, de modo a repensar-se a primeira explicação simplista vinda dos estudiosos.

Em 1919, Aarão de Lacerda diz que «quase não há pedra que não apareça timbrada pelo canteiro com desenhos de traço simples, mas vincado, nos silhares, colunas, aduelas, fechos: - é o pentalfa, é a espiral, a chave, o triângulo simbólico, o resto de um hieroglifismo cabalístico que de longe veio até terras ocidentais». (Lacerda,1919:20)

Deambulando em torno da igreja libertos das ortodoxias dominantes, canónicas, fixemo-nos naquele cachorro, junto à cornija, que já vimos. Figura humana, colocada lá bem no alto, longe de mão puritana que fosse tentada a amputar-lhe as partes pudengas. Essa parte do corpo humano que, como símbolo da fertilidade, bem pode estar camuflado em muitas das siglas, reduzida a traço simples e discreto, como veremos a seu tempo.

São as siglas somente assinaturas de pedreiros?

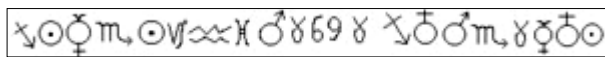
Se nos ficarmos por essa explicação primária, como explicar que muitas delas se repitam até à exaustão e haver outras que não passam de uma ou duas, quando muito meia dúzia espalhadas por todo o edifício? Operários diligentes e

esforçados a trabalharem do princípio ao fim da obra, operários, mandriões militantes, a trabalharem apenas alguns dias? E aquelas que, aqui e além, se sobrepõem na mesma pedra? Chegará a explicação adiantada acima de que um «bloco acabado levava normalmente três marcas diferentes, mostrando quem o cortara, de que pedreira viera e onde devia ser colocado»? E tantas outras que estão colocadas sem marca alguma? Essas não são tão eloquentes. Não dizem quem as fez, donde vieram e para onde iam.

Não. As siglas, para além de eventuais assinaturas, encerram certamente um significado, um mistério, um segredo, ensinado somente aos iniciados. Começa a ter sentido a existência de um capitel historiado com o símbolo da iniciação, hoje desaparecido, mas referenciado ainda em 1919 por Aarão de Lacerda, no seu livro «Templo das Siglas».

Esse capitel já não existe. A pilastra onde esse capitel se encontrava está truncada, aparentemente sem qualquer função. O seu desaparecimento é mais um mistério a somar-se aos que já existiam.

Deixando as quatro ou cinco linhas «deveras parecidas com bruxaria», aqui reproduzimos os sinais que se lhes seguiam para o leitor, atento à ficção e à realidade, poder estabelecer comparações:



Entre tão variegada monta de siglas e símbolos, alguns deles, esquematizados, bem podem ser os símbolos do Zodíaco, aqueles que foram representados nas figuras em que assentava o saber astrológico que vinha da Antiguidade e, através de árabes e judeus, se difundira na Europa medieval, exactamente no tempo em que foi construído o edifício.

Não. Estes sinais não são, de modo algum, somente, a assinatura de pedreiros analfabetos, ainda que alguns deles aparentem ser «alfa» e «beta». Estes sinais são o registo histórico da mentalidade de uma época, traduzindo a relação do homem com o Universo e a vida: as suas angústias, as suas crenças, as suas preocupações, a sua percepção e entendimento do mundo concreto e transcendente, do visível e invisível.

Entre as siglas, apreciadas uma a uma, a par de algumas certezas e muitas dúvidas, eis o quadrado «o antigo sinal da terra (...) particularmente importante nos sistemas simbólicos (...) baseado na ordem implícita nas quatro direcções do espaço, o quadrado simboliza a permanência, a segurança, o equilíbrio e a organização racional do espaço, bem como a honestidade, a integridade e a moralidade» (Tresidder,2000:155).

Eis o exagrama, ou a estrela de David, por vezes identificado com Salomão. Tem dois triângulos entrosados, um invertido simbolizando a união na



dualidade (...) Na alquimia o exagrama simbolizava as dualidades maculina-feminina do fogo e da água e, posteriormente, a união dos quatro elementos, o quinto elemento (a Quinta essência). Na magia o exagrama está associado ao exorcismo». (Tresidder, 2000:15); no exagrama, essa estrela de seis pontas, «o universo é representado por dois triângulos entrelaçados, a Trindade Espiritual no triângulo de vértice para cima; a Trindade Material com vértice para baixo». (Besant,1978:149).

Mas nas paredes do templo vemos também a estrela de cinco pontas, o símbolo da torre de David, o pentalfa, sempre disponível para as artes mágicas, usadas em todos os tempos e lugares. Ou não «se identifica o homem com a estrela de cinco pontas, comum a todas as tradições» Não é ele um pentagrama vivo?<sup>8</sup> Não é verdade que «a crença mística no Homem como modelo dos animais subjaz no desenho de Leonardo, representando o homem como um pentagrama formado pelos braços, pernas e cabeça, simbolizando o universo no microcosmos»?.(Tresidder, 2000:15). Não é sabido que a «estrela pentagonal contendo o pentágono regular exprime geometricamente, de modo magnífico e simples, a ideia da luz da ressurreição pela utilização da simetria das duas variantes do pentágono». (Freitas, 1998:192).

Na base de todas estas figuras geométricas está o número 5. E este número «representa a materialização do espírito e a espiritualização da matéria. Número da criatividade e da planificação mental, o número 5 é o símbolo da consciência encarnada «a quinta essência» (Resina, 1998:224).

Ora, «se dividir 360, (o círculo, o infinito) por 5 (o homem), obtém-se 72. Ora 72 é o número privilegiado na simbologia dos números: a sua redução teosófica é 9 e pode ser obtido multiplicando o 9 (o céu) por 8 (o Cristo)». (Facon, 1978:79-80).

Tanta sigla! Aquela é um 9. É um 9 ou um 6? Como? Um algarismo (?), se nós estamos avisados de que «as cifras arábicas, muito antes do século XIII eram conhecidas na Europa, mas não tiveram uso, fora dos livros matemáticos e astronómicos, antes do século XV e a figura destas cifras, só depois de 1534, se fez uniforme, sendo antes arbitrariamente figurada em toda a Europa»? (Elucidário, II:102)

Como, então, estar ali um 9 ou um 6 tão bem gravados?

Apesar de estarmos avisados da tardia vulgarização do algarismo na Europa (estamos a falar da sigla em forma de 9 ou de 6), também sabemos que se acha na Catedral de Lamego uma certidão original do que se passou numa assembleia de prelados na cidade de Santiago (a que chamam Concilio Compostelano) com a data de 1292 A.D. (Elucidário I:370), em número árabes, o

---

<sup>8</sup> *A mais recente confirmação disso é o símbolo adoptado pelo novíssimo Bloco de Esquerda, com assento parlamentar: uma estrela de cinco pontas com uma bola no sítio da cabeça.*

que quer dizer que o conhecimento e aplicação dos algarismos rondava por perto no espaço e no tempo em que foi construído o mosteiro.

Seja, portanto, e por agora, um 9. Esse número que, como «triade tripla, é um número sumamente poderoso na maioria das tradições (incluindo) no mundo celta. No misticismo representa a tríplice síntese da mente, corpo e espírito, ou de submundo, terra e céu. Ele era o símbolo hebraico da verdade, um símbolo cristão da ordem dentro da ordem, daí talvez a organização dos anjos em nove coros». (Tresidder, 2000:15).

Seja o que for e tenha o significado que tiver, ele aí está espalhado por um sem número de pedras a desafiar a imaginação de todos os que se interrogam sobre as siglas e as siglas interrogam, insatisfeitos com a explicação das «assinaturas».

Já vimos que se dividirmos 360, (o círculo, o infinito) por 5 (o homem), se obtém o número 72 e que a sua redução teosófica é 9, isto é, pode ser obtido multiplicando o 9 (o céu) por 8 (o Cristo).

Assim, sozinho, bem pode significar o céu, mas, acoplado com outro, em posições invertidas, logo mostram o signo do Caranguejo.

Sim, mas que tem esse 9 a ver com os 9 cavaleiros que fundaram a Ordem do Templo em 1118, sob a orientação de Hugues de Payens e Geoffroy de Saint-Adhémar?

Paulo Loução ao historiar as origens dos Templários e as suas actividades iniciáticas nos primeiros nove anos, levanta-nos a ponta do véu quando diz:

«É evidente que por detrás da história oficial que, em termos gerais, está correcta e documentada, houve, como em praticamente tudo o que se refere à ordem do Templo, uma história oculta. É óbvio que os nove cavaleiros, independentemente de terem actividade de defesa dos peregrinos, tiveram nesses nove anos outro tipo de trabalhos ligados, provavelmente à sua iniciação, com a qual está relacionado o número 9»? (Loução, 2000:108).

E Manuel J. Gandra, reportando-se a tempos posteriores, diz-nos que aos professos da Ordem dos Templários «só de nove em nove anos lhes era permitido renovar o velho hábito e, mesmo assim, a arbítrio do rei e dos juizes do Tribunal de Consciência e Ordens». (GANDRA, 1998:323).

É. Tanta sigla, tanto 9 ou tanto 6 que não mereceram a mais pequena palavra dos estudiosos que nos antecederam. Mas, perguntava eu, que terá este algarismo - o 9 - de mágico para poder ligar-se aos rituais das ciências ocultas, ao ponto de no livro *De Occulta Philosophia*, de Agripa se preconizar que o mágico, «o operador deve manter-se limpo e purificado durante o espaço de nove dias antes de iniciar o trabalho». (Bailey, et all, 1983: 69).

E os nove dias desses rituais mágicos, lembram as novenas<sup>9</sup> feitas em cumprimento de uma promessa (nove vezes três vinte e sete, quem não pode não promete), esses 9 dias de oração, essas 9 voltas em torno de uma ermida, ou de uma igreja, 9 crianças a rezarem a troco de um vintém, um tostão ou um escudo, conforme os tempos:  $9 \times 1 = 9$ . E as 9 badaladas das Trindades? E no diálogo travado entre Lucifer e o Anjo Custódio, no «Livro de São Cipriano» onde se enumeram as virtudes do Céu que conduzem à salvação? A nona corresponde aos «nove meses que a Virgem Maria trouxe no ventre o seu amado filho Jesus Cristo e por esta virtude somos livres do teu poder, Satanás». (Cipriano, 1998:111).

E não se encontram os anjos divididos em três hierarquias, distribuídas por três coros? 1º - Serafins, querubins e tronos. 2º - dominações, virtudes e poderes. 3º - principados, arcanjos e anjos.

Donde vem a magia do 9 ao ponto de sabermos que nos enterros «falecendo alguém sem testamento (?) e tendo de seis mil reis até dez, faz-se por sua alma um ofício de nove lições; e tendo de dez mil reis até vinte de terço do terço<sup>10</sup>, faz-se por sua alma dois ofícios de nove lições; e tendo de terço do terço de vinte mil reis até trinta, faz-se por sua alma três ofícios de nove lições. Em qualquer ofício de nove lições por defunto ou defunta tem os clérigos dois tostões cada um, com obrigação de uma missa pela alma de quem era o ofício. E o pároco tem três tostões do ofício e missa, e nove vinténs da presidência, ainda que os padres do ofício sejam menos de nove (...)». (Pedrosa, 1772:8)

Mas havia quem dobrasse a parada nos seus testamentos. O Padre Domingos Cardoso, de Castro Daire, falecido em 1775, deixou as seguintes cláusulas testamentárias: «acompanhamento de 18 padres, obrada, ofício de corpo presente, 720 missas, entre elas a da Irmandade de Castro Daire e o nocturno no oitavário dos Santos feitos pelos párocos como é costume» (Costa, 1992, VI:112-123)

Desejando ser acompanhado por 18 padres, o clérigo Domingos Cardoso dobrou a parada, mas  $9 \times 2$  encontra-se igualmente na mágica fórmula usada por S. Cipriano para prender o Demónio. Assim: «as cadeias para prender o Demónio podem ser de chifre de carneiro, ou melhor, será um cordão de S. Francisco, benzido, ou uma estola, com que um padre tenha dito missa, pelo menos dezoito vezes» (Cipriano, 1998:120) Mais: os Templários, batendo em retirada da França e subtraindo o seu tesouro ao Rei Filipe, o Belo, «seguiram, segundo um testemunho da época citado por Gérard de Sede, em direcção à costa, onde eram

<sup>9</sup> «Nóvea e novêna. A nona parte ou de nove partes uma. Acha-se com frequência e ainda nas cortes de Lisboa de 1455. Daqui pam anneveado, quando de nove alqueires se paga um. Documento de Lamego do século XIV» (Elucidário, vol. II, pp 439)

<sup>10</sup> «(...) disposição da terça (?) parte da herança a benefício das almas dos pios testadores, e isto ainda que tivessem filhos de mulher legitima e forçosos herdeiros». (Elucidário, Vol. II, pp 605)

aguardados por 18 navios da Ordem», (Gandra, 1998:330) o que se prende com um outro número muito ligado a estes cavaleiros: «as 9.000 comendas que detinham dão uma ideia do poder dos Templários». (Idem: 331)

Ligado à religião e magia, Salomão também recorreu ao número 9 para manufacturar alguns dos seus talismãs. Alguns deles «seriam garrafas de electro nas quais ele teria encerrado demónios que daí por diante ficavam ao seu serviço e não podiam resistir às nove letras mágicas inscritas sobre a garrafa». (Laurent et al, s/d, 136)

Noves fora nada? Mas quem é que, a partir de agora, ao olhar para as siglas em forma de 9, (ou será 6?) que se multiplicam em  $n$  pedras nas paredes da igreja, pode vê-las apenas como assinatura de pedreiro sem tentar ao menos submetê-las à prova dos nove do saber oculto, do saber esotérico?

E coisa curiosa: Dante, o autor da Divina Comédia, tinha 9 anos em 1274. Foi então que conheceu Beatriz, também ela com 9 anos. Mas só ao fim de mais 9 anos, isto é, quando ambos tinham 18, «é que voltaria a vê-la» (Boorstin,1993:243).

Com tanta significação, ficamo-nos pelos nove for a nada? Não. E se, onde vemos um 9 passarmos a ver um 6?

Recorramos mais uma vez a Boorstin.:

«Sobre a criação, diz a Septuaginta: «E deus acabou a sua obra ao sexto dia» Filo escreveu: «É bastante estulto pensar que o mundo foi criado em seis dias ou em qualquer outro lapso de tempo» a Septuaginta fala em seis, enquanto o texto hebraico diz «ao sétimo dia») Segundo Filo «seis» significava, não uma quantidade de dias, mas um número perfeito, o que mostrava que o mundo foi a criado segundo um plano e também que Filo se tornara discípulo de Pitágoras. Influenciado por Platão, Filo oferecia a própria versão alegórica da criação segundo o Génesis» (Boorstin, 1993:61)

E se não nos ficarmos por aqui, relativamente ao significado e valor do 6, e aceitarmos que os números podem conter em si o que Orígenes encontrou «nos textos das tradições judaicas e judeu-cristãs: apócrifos e apocalipses, ele distinguia e combinava, ao mesmo tempo, um sentido literal, um sentido moral e um sentido espiritual». (Laurant, 1995:22).

O 6, tal como o 9, registados nas pedras da igreja da Ermida, estão para lá de uma simples assinatura de pedreiro. Pois então não é que no Apocalipse nos aparece o misterioso número 666. Citando: «É aqui que está a sabedoria.

Quem tem inteligência, calcule o número da besta. Porque é número de homem; e o número dela é seiscentos e sessenta e seis» (Apocalipse,13:18)

Aquela que se apresenta sob a forma de S visto ao espelho, não simbolizará a serpente? «Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e pô-la por sinal; e os feridos que olhavam para ela, saravam» (Números; 21:9) Não é a serpente um ornato do báculo usado pelos Reitores do Mosteiro da Ermida, exis-

tente no Museu de Arte Antiga, em Lisboa? Não é a serpente vista como «o arquétipo da hierofania «selvagem» natural, figura inicial (e iniciadora) da magia xamânica e das religiões antiquíssimas, símbolo do nagual dos Toltecas, velha divindade dos Egípcios, arcaica, poderosa, assustadora; para os Gregos duplamente enroscada na vara do caduceu ? emblema tutelar da medicina (...)». (Freitas,1998:211)

Tanta pergunta, tanta sigla e tanta cruz!

A cruz, símbolo adoptado pelo mundo cristão, já aparecia em «representações muito anteriores ao cristianismo». (Loução, 2000:289) Georges Duby acerca do progresso do cristianismo ocidental na sequência da 1ª cruzada, espelhado nos conjuntos esculpidos nas catedrais, diz:

«(...) Até aí, as imagens de Cristo não tinham residido nunca na criação. Quando não pertenciam à abstracção pura, ao esoterismo da cruz, do alfa e do ómega ou dos crismas, situam-se como sobre páginas pintadas nos manuscritos litúrgicos, fora do tempo, do espaço na irrealidade das visões místicas». (Duby,1993:95)

Sim, as paredes desta igreja são bem um «manuscrito litúrgico» onde se rabiscaram a cruz, o alfa, o ómega, na irrealidade das visões místicas.

Resto de um hieroglifismo cabalístico que de longe veio até terras ocidentais é preciso extrair de cada sinal a leitura possível e alguns deles sugerem mesmo uma leitura cabalística. Aquelas espirais simples, abertas, como que a sugerirem o desfiar de um novelo em cujo miolo há algo a descobrir. Aquelas espirais duplas, acopladas, a sugerirem que se faça o mesmo com outras siglas. É assim. Neste mundo confuso das siglas tudo parece estar separado e, ao mesmo tempo, tudo parece ter a ver com tudo. Fazer o acoplamento que algumas delas (iguais ou diferentes) sugerem é seguir o caminho mais simples em busca de um significado. E para se compreender melhor, aplicar-se-lhe-ia o princípio algébrico, já que álgebra, termo derivado do árabe al-jabr significa literalmente «o juntar de partes diferentes». (Allen et al, 1993:163)

É. Juntemos algumas! Por exemplo, aquelas siglas que parece representarem folhas de plantas. aquela ali e mais aquela, além? Aquelas folhas, cujos limbos e nervuras centrais terminam, no lado oposto às pontas, em dois círculos concêntricos, qual fruto redondo, baga, maçã ou coisa parecida, aquela outra, a raiz bifurcada dessa mesma planta. Estranhas assinaturas de pedreiros! Em vez disso, porque não o registo pétreo da mandrágora, a planta que, na Idade Média, e desde a Antiguidade, mais tinha sido usada na prática da magia? Planta conselheira e benéfica para uns, maligna e usada na feitiçaria, para outros? Houve mesmo quem pensasse que a maçã dada por Eva a Adão, não era outro fruto senão a maçã da mandrágora. É que se tais figuras forem acopladas como sugerem as espirais (e não só), ficamos perante plantas completas, até ali cortadas ao meio, como partes separadas de um enigma. E tudo isto é enigmáti-



co e cabalístico. Mas da mandrágora se tratará, dessa planta que os juizes de Pucelle julgavam ter sido usada por Joana d'Arc, nas acções subversivas por ela desenvolvidas e que a levaram à fogueira.

Mapa lítico, misto de ciência e de magia, de paganismo e cristianismo, eis também, ali mesmo à entrada da porta lateral, do lado esquerdo de quem entra, o desenho de uma chave onde se destaca claramente uma lebre de cabeça voltada para o dorso (ver Fig. 1)

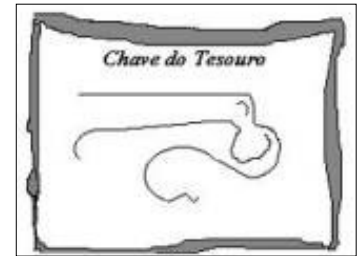
Ora, se em simbolismo, «a lebre representa o tesouro» (Guinguand,1975:122) que outro desenho podia ser posto ante os olhos do iniciado senão uma chave com o próprio símbolo do tesouro? A chave do tesouro. Mas que tesouro? Não, por certo, o fabuloso tesouro material dos Templários, supostamente escondido algures, depois que foi extinta a sua Ordem por Filipe, o Belo, rei de França. Tesouro que alguém procurou aqui, como demonstra a recente coluna da porta principal, lado esquerdo, a substituir a original, partida pelas sacrílegas e ávidas mãos de caçadores de tesouros. Não. Não estava lá tesouro algum. E a chave reporta-se, certamente, ao tesouro do saber esotérico, do saber oculto, a chave que, pelos tempos fora, marcaria presença em tudo o que se ligasse aos Templários. Veja-se o caso de Aleister Crowley, que em pleno século XX, precisamente em 1914, ingressa na Ordem dos Templários do Oriente (OTO), a qual, para garantia dos futuros convertidos diz possuir «a CHAVE que abre todos os segredos maçónicos e herméticos, nomeadamente o ensino da magia sexual, o qual explica, sem excepção, todos os segredos da Natureza, todo o simbolismo da Maçonaria Livre e todos os sistemas de religião». (Bailey, et all, 1983: 73)

Mas nas paredes do edifício aparecem outras siglas em forma de chave. Menos misteriosas quanto à sua identificação, misterioso e oculto se mantém igualmente o seu significado. No arcano V do Tarot aparecem duas chaves em cruz. Elas «simbolizam o cruzamento entre o conhecimento que se desvela e o saber oculto». (Resina, 1998:224)

Assinatura de pedreiros? Verdade era, porém, que na arte de esconjurar demónio de um corpo, para fechar a morada ao ponto do maligno não tronar a entrar, o exorcista tinha de tomar «uma chave de aço, em ponto pequeno» e dizer a seguinte oração:

«O Senhor lance sobre ti a Sua santíssima bênção e o Seu santíssimo poder para que te dê a virtude eficaz, para que toda a morada ou porta por onde entra Satanás por ti seja fechada, jamais o Demónio ou seus aliados por ela possam entrar, pis abençoada seja em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Jesus seja contigo. (Deita-se água benta em cruz sobre a chave)». (Cipriano, 1998:42)

Mas que importância poderia ter ao tempo da construção do mosteiro e vida do Eremita Roberto esse conjunto de sinais, esses hieroglifos cabalísticos,



capazes de serem lidos ou decifrados só por iniciados?

Decorriam os tempos em que a «astrologia era havida por verdadeira ciência e a Igreja distinguiu-a daquela que, baseada nela, era, todavia, cabala». (Saa, 1978:59)

Os profetas e os astrólogos, aqueles que advinham o futuro, tem grande aceitação, tal como os monges «que tem o mister de meditar sobre o tempo», nas modestas instalações que habitavam, retirados do século.

A astrologia, a ciência em que se apoiava a adivinhação do futuro estava pois na ordem do dia e, ainda que perseguida na sua variante cabalística, ela chegaria aos nossos dias cheia de saúde com professores e clientela assegurada. Os meios científicos mais sofisticados, como a televisão, a Internet e quejandos dão-lhe ampla divulgação. E as linhas telefónicas de valor acrescentado tem mais que justificada a sua existência.

Mas voltemos às siglas, figuras ou restos hieroglíficos. E mesmo ao lado da chave e da lebre, eis um emaranhado de riscos que destoam, claramente, de todas as outras siglas, quer pelo traço, quer pelo conjunto de elementos que compõem uma espécie de paisagem rural. Que diabo é isto? Sim, que diabo é isto? Já houve que lhe chamasse «agnus dei», mas nós propomos interpretação diferente. Aqueles triângulos em primeiro plano imitam montes e cerros. Aqueles traços saídos do chão que imitam? Aqueles guiões de ladainha ou procissão, em forma de losango, com uma cruz dentro e a outra cruz mais à frente, não oferecem dúvida: são os símbolos da Igreja. E o animal que, de cabeça voltada para trás com aquele par de cornos, olhar assustado como quem se prepara para dar às de vila diogo, o que significa? (Fig. 1)

Um «agnus dei»? E porque não um Aquelarre, o lugar de iniciação chamado «Prado do Bode», onde o Demónio, «a quem o tem por deus e senhor, aparece (...) comumente, na figura de bode». (Rego,1981:28)

Desenhado no interior da igreja, do lado esquerdo da porta no sentido de quem entra (do lado direito está a pia de água benta) o bode tem razão para estar atarantado. O arrais da Barca do Inferno, o «excomungado nas igrejas» (Vicente,1997:74) olha para trás e fita os símbolos do seu grande adversário de sempre. Neste quadro, desenhado a traço simples e tosco, estão patentes as marcas de Maniqueu, estão ali representadas duas forças antagónicas - o Bem e o Mal - a Igreja e Satanás, aquela na perseguição deste e de todos os seus dilectos seguidores: bruxos, bruxas, benzedeadas e adivinhos.

Assinatura de pedreiro? Seguramente que não.

Sabendo nós que «Satanás tem grande força, especialmente nos cornos, por isso é de ter presente que onde houver cornos tem diabo metido» (Cipriano,1998, nota do introdutória do editor), podemos dizer que não foi só na Igreja da Ermida do Paiva (que, como vimos, segundo alguns esteve ligada aos Templários) onde o chifrudo foi desenhado. E em França, perto da aldeia históri-



ca de Falicon existe uma pirâmide em cujo sopé foram encontradas as ruínas daquilo que se supõe ter sido um lugar habitado no séculos XII e XIII pelos Templários e pelos Antoninos hospitalários. Muito perto, no conjunto das construções, eleva-se uma torre quadrada e da sua cave ergue-se a conduta de uma chaminé onde se encontra o desenho de uma figura com cornos enormes. Um diabo exorcismado? Recordação singela de uma visão fugitiva concedida aquando da iniciação dos Templários, dessa cabeça cornuda que encerra os segredos do conhecimento numérico, geométrico, transmutável e transmutativo? Sem dúvida tudo ao mesmo tempo». (Guinguand,1975:187-188).

Não é de estranhar pois que o bode apareça aqui, numa das pedras do templo. Ele, com a sua cabeça «cornuda que encerra os segredos do conhecimento numérico, geométrico, transmutável e transmutativo?». E números (?) e figuras geométricas é o que não falta nas paredes do Mosteiro da Ermida.

Assinatura de pedreiro? Seguramente que não.

Ler o seu significado, para quem não foi, nem é, iniciado, nem seguiu os passos historiados no capitel acima referido, terá forçosamente de interrogar-se e interrogar as próprias siglas. Desenhadas na Idade Média, esse tempo conhecido por Idade das Trevas, tempo em que se impuseram valores e ideias, tempos de transição para outros tempos, são realmente os tempos em que o passado estava vivo no presente, apesar de procurar-se o seu completo apagamento, com excomunhões, perseguições e autos-de-fé. Os monumentos e documentos testemunham isso mesmo. A Ermida do Paiva com as siglas e as figuras que ornamentam as suas pedras, os capitéis das suas colunas, os seus modilhões, aí estão a provar que os elementos culturais clássicos e pagãos, num entrançado de valores religiosos e profanos, não só permaneciam vivos no espírito das gentes, como as levavam a deixar a marca material do seu pensamento/acção. Tanta sigla!

Tanta sigla! Olhe aquela ali! A dupla espiral «símbolo que encontramos nas mais diversas culturas antigas como a céltica e a grega. Representa a harmonia entre a inspiração e a respiração. O movimento centrípeto e centrífugo. A captação dos mitos e arquétipos e a sua manifestação do mundo sensível» (Loução, 2000:66) E aquela, ali?

É a letra do alfabeto fenício (1000 a.C)? O tridente de Posidon, uma pata de galinha, ou, tão só, a assinatura, o sinete do pedreiro? Se calhar, pensando como Livraga citado por Loução, tudo isso e mais alguma coisa inaudita por preconceito ou reserva mental, («os investigadores envolvidos num dogma religioso, racial, político ou de classes sociais estão inabilitados pela Natureza para verem a Verdade, ainda que diplomados por cem universidades» (Loução,2000:89) cujo significado dispensa recuar a tão eruditas informações, já que o seu significante, ainda que estilizado e reduzido à forma mais simples (ver foto), sempre esteve e está perto do homem em todos os tempos e lugares. O

que é da natureza humana, da natureza humana se há-de manter eternamente. E ainda que, por foça das filosofias ou doutrinas adversas, entre em profunda hibernação, tarde ou cedo emerge pujante de foça e de verdade.

Ora dê liberdade à sua imaginação, dispa-se de preconceitos maliciosos, encare com naturalidade o que foi natural antes de ser considerado pecaminoso, tenha presente que «na maioria das tradições simbólicas, as idealizações da nudez representam inocência, liberdade, vulnerabilidade, verdade e, frequentemente, divindade (e que) embora a nudez simbolize igualmente carnalidade, vergonha, maldade, o corpo sem adornos foi com muita frequência um símbolo de pureza» (Tresidder, 2000:15), tenha presente a figura humana que referimos acima, aquela esculpida num dos modilhões deste templo, nua e sem quaisquer adornos e, assumida essa postura, sem receio de engrossar o rol daqueles que têm propensão para visões, para ver o invisível e ouvir o inaudito, fazendo acreditar multidões naquilo que dizem ver e ouvir? Olhe aquela sigla dê-lhe corpo, complete uma figura humana, ponha-a de pé, deitada, de pino, faça o mesmo com as espirais abertas, simples ou acopladas que se multiplicam a esmo por muitas destas pedras (mas que voltas é preciso dar para se penetrar no tesouro escondido ou disfarçado!) e não tardará a descobrir nos elementos esquematizados, até agora considerados «sinetes de pedreiros», os símbolos da fertilidade<sup>11</sup>, o mistério da vida, assim, tão simples como os simples encaram o quotidiano.

Sinetes de pedreiros? Não só, seguramente.

Ali está o *ziguezague*, o símbolo do relâmpago, «ligado à ira divina ou potência fertilizadoras (...) é um exemplo raro de um fenómeno simbolicamente ligado tanto ao fogo como à água, pois precedia frequentemente a chuva; e quer como criador, quer como destruidor, era contemplado com uma mistura de medo e reverência. Os lugares atingidos pelo relâmpago tornavam-se chão sagrado e as pessoas que lhe tocavam traziam uma marca de Deus, se sobrevivessem, ou julgava-se serem transladadas imediatamente para o céu, se morressem». (Tresidder,2000:108)

Iniciação, astrologia, artes mágicas, repositório de culturas e crenças, o papel dos mosteiros e dos monges desempenhado no domínio da agricultura, no âmbito da saúde e assistência, a terapêutica utilizada nas curas, onde a influência dos astros, da magia, da religião e a ciência da época andavam de mãos dadas com o destino e a vida do homem. E os pedreiros, metendo o escopro nas pedras, rabiscando ou desenhando siglas, mais não fizeram do que cumprir ordens de quem, por foça de estudo ou de ouvir dizer, estava familiarizado com



<sup>11</sup> Quem leu o meu livro «*Mosteiro da Ermida*» publicado em 2001 e, posteriormente, «*O Código Da Vinça*» de Dan Brown, publicado em 2004, não deixará de aproximar a interpretação que faço destas siglas com a explicação que esse autor dá, no capítulo 56, dos símbolos antigos e modernos ligados ao *masculino e feminino*. Cf. «*Mosteiro da Ermida*», 2001, ed. do autor.

crenças, culturas e saberes que assentaram primeiramente arraiais lá para o Egipto e Caldeia, vindo depois a germinar e a florescer no mais inóspito rincão da Europa, como era o caso na Ermida de D. Roberto.

Os monges partiram. Mas o saber medieval, hermético, esotérico e simbólico, aí está espalhado por todas estas siglas a desafiar os tempos e os homens. Aqui e noutros tempos. O paganismo, condenado pelo cristianismo, encontrou a forma secreta de se projectar no tempo, inscrito em pontes, castelos e templos.

## Bibliografia

### Manuscritos:

- Usos e costumes da Igreja da Ermida, 1772
- Dic. Geográfico, freguesias de: Ester, Pinheiro, Parada....
- Foral do Moção
- Bloco de Documentos e Apontamentos de Aires Pinto Marcelino, s/d

### Palestras:

DOMINGOS J. da Cruz, Palestra de apresentação do "*Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Paiva*", em 11-08-2000

### Ob. Impressas:

ALLEN, Charles *et al*, 1993 "*História da Vida Quotidiana*", Selecções do Reader's Digest.

ALVES, Alexandre, *et al*, 1986, "*Castro Daire*" ed. C. Municipal.

AMARAL, Fernando, 2000, "*Lamego Hoje*"

BAILEY, Ron, *et al*, 1983 "Fronteiras do Desconhecido" (Selecções do Reader's Digest)

BESANT, Annie, 1978, "*O Cristianismo Esotérico*", Ed. Pensamento.

BOORSTIN, Daniel J., 1993, "*Os Criadores*" Gradiva,

LACERDA, Aarão, 1919, "Templo das Siglas"

HERCULANO, Alexandre, s/d, "*História de Portugal*", Tomo III, Livraria Bertrand.

CARVALHO, Abílio Pereira de, 2000, "*Julgamento*", Palimage Editores.

CARVALHO, Abílio Pereira de, 1993, "*CUJÓ – Uma Terra de Riba-Paiva*", Ed. Junta da Freguesia.

CARVALHO, Abílio Pereira de, "*Recursos Naturais e Humanos no Concelho de C. Daire*" in N.C.D, nº 241 de 10-02-2001.

CARVALHO, Abílio Pereira de, 1995, "*Castro Daire, Indústria, Técnica e Cultura*" Ed. C. Municipal de Castro Daire

- CASTRO, Armando de, 1986, "*A Economia Ibérica da Dominação Romana (218 aC) ao século XI*" in "*História de Portugal*", Pub. Alva
- CIPRIANO, O Livro de, Moderna Editorial Livros, 1998 ,111)
- CLARK, Grahame,1969, "*Os Caçadores da Idade da Pedra*" Verbo
- CLEBERT, Jean-Paul, 1995, "*História do fim do Mundo*", Europa América.
- COSTA, M. Gonçalves da, 1979, "*História do Bispado e Cidade de Lamego*, Vol II,
- COSTA, M. Gonçalves, 1975, "*Lutas Liberais e Miguelistas em Lamego*", Gráfica de Lamego.
- COSTA, Berndardo Ferreira da, 1758, "*Memórias Paroquiais*" , Freguesia de Ester, Dic. Lello & Irmão).
- COSTA, et al, Portugal Misterioso, 1998, 261
- CRUZ, Braga da "Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago", ed. Xunta de Galicia, 1998, introdução)
- ECO, Humberto, 1980, "*O Nome da Rosa*" Difel
- Elucidário, I e II
- Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. 25
- FACON, Roger, 1978, "*Quando a Atlantida Ressurgir*" Europa América
- FONTBRUNE, Jean-Charles de,1988, "*História e Profecia dos Papas*", Europa-América)
- FREITAS, Lima de, 1998, "*O Esoterismo na Arte Portuguesa*" in "Portugal Misterioso" Reader's Digest,
- GANDRA, Manuel J., 1998, "*Os Templários*" in "Portugal Misterioso", Reader's Digest
- GIRÃO, A., 1940, "*Montemuro a Serra Mais Desconhecida de Portugal*"
- GUINGUAND, Maurice, 1975, "*O Ouro dos Templários, Gisors ou Tomar*", Liv. Bertrand.
- LAURENT et al, s/d, "*O Amor Através dos Tempos*" Liv. Internacional, Lisboa.
- LE GOFF, Jaques, 2000, "*Viva o Ano 1000*", Teorema.
- DUBY, Georges, 1993, "*O Tempo das Catedrais, a Arte e a Sociedade 980-1420*" Editorial Estampa.
- LAURANT, Jean-Pierre, 1975, "*O Esoterismo*" Paulus
- LORENA, José Guilherme, "*Os Últimos dias da Transumância*" in jornal "Publico", de 24.07.2000, ano 11, nº 3781
- LOUÇÃO, Paulo Alexandre, 2000, "*Os Templários na formação de Portugal*" Ésquilo
- MARMELO, Jorge, "*Tempo Congelado*" in "*Público*" de 09.09.2000
- NEVES, F. Correia das, 1987, "*Os Verbos dos Arguinhas*", Beja Gráfica, Lda.
- PERNOUD, Regine ", 1974, "*Os Templários*" Europa-América.
- PIRENE, Henri, 1964, "*As cidades da Idade Média*", Europa-América.
- TELMO, António, 1977, "*História Secreta de Portugal*",Editorial Vega.
- TRESIDDER, Jack, 2000, "*Os Símbolos e o Seu Significado*", Circulo dos Leitores.
- VARENE, Jean-Michel, 1989, "*Os Cristãos Místicos do Ocidente*", Europa-América
- RAMOS, Anabela, 1998, "*Violência e Justiça Em Terras do Momtemuro (1708-1829*" Palimage Editores.
- RESINA, Luís, 1998, "*Introdução ao Tarot*", in Portugal Misterioso, Reader's Digest.

REGO, Yvone Cunha, 1981, *"Feiticeiros, Profetas e Visionários – Textos Antigos Portugueses"*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Biblioteca Nacional.

RIBEIRO, José *"Congresso de Vilar de Perdizes"* in "Lamego Hoje", nº 550 de 07.09.2000

SAA, Mário, 1978, *"As Memórias Astrológicas de Camões"* Edições do Templo.

SAMPAIO, Alberto, 1979, *"As Vilas do Norte de Portugal"* Editorial Veja.

SERRÃO, Dic. His. Portugal, 1971, Vol. I, II, III e IV, Iniciativas Editoriais,

SERRÃO, Joel, 1973, *"Cronologia Geral da História de Portugal"*, Iniciativas Editoriais

VARENE, Jean-Michel, 1989, *Os Cristãos Místicos do Ocidente*, Europa-América)

TORRES, Cláudio *et al*, 1995, *"A Cabeça Relicário de Casével"*, Campo Arq. De Mértola e C. M. de Castro Verde.

TRESIDER, Jack, 2000, *"Os Símbolos e o seu Significado"* Círculo de Leitores.

TRINDADE, Maria José *"As Vilas do Norte de Portugal"* (prefácio) Editorial Veja..

VICENTE, Gil, 1997 *"Auto da Barca do Inferno"*, Editora Ulisseia